

AS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E SUA ATUAÇÃO PLURIFACETADA

**MARCELO PEREIRA DA SILVA
(ORGANIZADOR)**

Atena
Editora
Ano 2020

AS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E SUA ATUAÇÃO PLURIFACETADA

**MARCELO PEREIRA DA SILVA
(ORGANIZADOR)**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 As ciências da comunicação e sua atuação plurifacetada [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-951-6
 DOI 10.22533/at.ed.516202101

1. Comunicação. I. Silva, Marcelo Pereira da.

CDD 303.4833

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Muitas investigações científicas têm sido levadas a cabo na/pela área da comunicação e, quiçá, a hipótese central para alavancar o movimento de confluência e interdisciplinaridade na produção científica sobre os meios de comunicação, os sujeitos receptores/emissores, os suportes, as linguagens, os processos de (res)semantização e as interações sociais reside:

(1) *em um evidente esvaziamento das certezas e;*

(2) *na necessidade de abandonar as ações de demarcação territorial* (esta como consequência de concepções positivistas e funcionalistas que ainda figuram nos estudos da comunicação) e no rompimento de fronteiras/limites. Estas características estão intimamente vinculadas à famigerada contemporaneidade, tão fragmentada, confusa, transitória e líquida.

Os diálogos e confrontos de diferentes teorias, proposições e arcabouços teórico-metodológico-epistemológicos propõem novas perspectivas aos estudos da comunicação: olhares transversos sobre um mesmo objeto podem ser postulados, permitindo reformulações; determinismos podem ser deixados de lado e relativizações colocadas como premissas, pois o campo da comunicação mostra-se, cada vez mais, transdisciplinar, intradisciplinar, multidisciplinar e interdisciplinar, tornando-se um grande templo em construção, perpassado pela dialética, pela polifonia, pelo dialogismo e pela polissemia.

Os autores desta obra evocam, assim, o papel e as configurações das diferentes linguagens, sujeitos, materialidades, partilhas, conversações e paradoxos decorrentes de um contexto de midiatização “hiperfrenético”, (pre)ocupados com a compreensão de fenômenos sociais que envolvem as dimensões políticas, sociais, étnicas, culturais, sexuais e identitárias ligadas à atuação de diferentes atividades da comunicação, tais como as relações públicas, a publicidade e o jornalismo.

A comunicação é valor central de emancipação individual na sociedade midiatizada de consumo, valor, muitas vezes, entenebrecido pela lógica sociotecnológica do informacionalismo, da geração, do processamento e da transmissão de informações. Carecemos repensar o estatuto da comunicação em um mundo supersaturado de informação, de conteúdos e de tecnologias, colocando a alteridade em um contexto de onipresença que nos convida à intercompreensão, à tolerância e à comunicação em seu sentido ontológico.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NA GESTÃO DAS MARCAS NA SOCIEDADE DE CONSUMO: APONTAMENTOS TEÓRICOS	
Jaynara Lima Silva Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5162021011	
CAPÍTULO 2	11
VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DE COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	
Jean Costa Sousa Carlos Henrique Martins Magno Luiz Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.5162021012	
CAPÍTULO 3	24
A IMPORTÂNCIA DAS <i>DIGITAL PERSONAS</i> PARA A PUBLICIDADE CONTEMPORÂNEA	
Maria Clara Jaborandy Thiago Diniz do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.5162021013	
CAPÍTULO 4	35
RECIFE FRIO E O RECIFE NOS CURTAS-METRAGENS DE KLEBER MENDONÇA FILHO	
Filipe Brito Gama	
DOI 10.22533/at.ed.5162021014	
CAPÍTULO 5	47
INTERATIVIDADE E COMICIDADE NAS NOVELAS DE RÁDIO: POLIFONIA, SÁTIRA E PARÓDIA NA MÚSICA A <i>DOIS PASSOS DO PARAÍSO</i>	
Maria Gorete Oliveira de Sousa Diego Frank Marques Cavalcante Aryanne Christine Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.5162021015	
CAPÍTULO 6	60
AVATAR: AS SOLUÇÕES DE CAMERON VÊM DO FUNDO DO MAR?	
Cassia Cassitas	
DOI 10.22533/at.ed.5162021016	
CAPÍTULO 7	73
KUNG FU PANDA E A AUTOPERCEPÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O TRATAMENTO DADO AO CORPO E À MENTE PELOS JOVENS DO SÉCULO XXI	
Giovanna Pordeus Brandão Monteiro João José de Santana Borges	
DOI 10.22533/at.ed.5162021017	

CAPÍTULO 8	81
MOVIMENTO RETRÔ NAS ANIMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.5162021018	
CAPÍTULO 9	94
COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA NA ESCOLA PROJETO JORNAL ESCOLAR “ACB EM FOCO”	
Nágila Kelli Prado Sana Utinói	
DOI 10.22533/at.ed.5162021019	
CAPÍTULO 10	99
MANUAL DIDÁTICO INCLUSIVO: CRITÉRIOS DE QUALIDADE PARA APLICATIVOS EDUCACIONAIS NO CONTEXTO DA INCLUSÃO	
Larissa Buenaño Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.51620210110	
CAPÍTULO 11	110
JORNALISMO LITERÁRIO: O LEGADO DO REPÓRTER AUDÁLIO DANTAS EM FOCO	
Magnolia Rejane Andrade dos Santos	
Bárbara Isis Martins	
Lívia Cristina Enders de Albuquerque	
Rian Paulo Ferreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51620210111	
CAPÍTULO 12	120
A OPINIÃO DO ESTADÃO NAS RUPTURAS POLÍTICAS DE 1964 E 2016	
Mauro de Queiroz Dias Jácome	
Luísa Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.51620210112	
CAPÍTULO 13	133
A BIOGRAFIA DE SI NO PROCESSO DA NARRATIVA: A EXPERIÊNCIA DA CORPOREIDADE COMO POTÊNCIA INVENTIVA E DE MICRORRESISTÊNCIA NO DISCURSO JORNALÍSTICO	
Milena Reis Santiago Lima	
Alessandra Oliveira Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.51620210113	
CAPÍTULO 14	150
O EMBATE DAS ATRAÇÕES MUSICAIS DO SÃO JOÃO 2017 ATRAVÉS DE CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE: FORRÓ VERSUS SERTANEJO	
Antonio Roberto Faustino da Costa	
Luiz Custódio da Silva	
Luiz Felipe Bolis Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.51620210114	
CAPÍTULO 15	163
MÍDIA ALTERNATIVA BRASILEIRA: VOZ ÀS MINORIAS NO CIBERESPAÇO	
Liz Vieira Rodrigues	
Luísa Guimarães Lima	
DOI 10.22533/at.ed.51620210115	

CAPÍTULO 16	171
A ARGUMENTAÇÃO CONTRÁRIA AOS DIREITOS HUMANOS DA COMUNIDADE LGBTI EM COMENTÁRIOS DE PORTAIS DE INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA, DISCURSIVA E ARGUMENTATIVA	
Leandro Lima Ribeiro Clebson Luiz de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.51620210116	
CAPÍTULO 17	184
O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NO CIBERATIVISMO LGBTQ+1	
Kevin Silva Santana Cabral Talita Medeiros da Costa Barbosa Gilsimar Cerqueira Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51620210117	
SOBRE O ORGANIZADOR	192
ÍNDICE REMISSIVO	193

O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NO CIBERATIVISMO LGBTQ+1

Data de aceite: 05/12/2019

Kevin Silva Santana Cabral

Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNEF - BA, e-mail: kcabrak134@gmail.com.

Talita Medeiros da Costa Barbosa

Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UNEF - BA, e-mail: medeirosctalita@gmail.com

Gilsimar Cerqueira Oliveira

Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da UNEF - BA, e-mail: cerqueira.gilsimar@gmail.com
Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana, Feira de Santana, BA

Trabalho apresentado na IJ 07 –Comunicação, espaço e cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo mostrar o papel da comunicação e das redes sociais nos debates de gênero. Procuramos percorrer a trajetória da comunidade LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, intersexual e queer) - desde o

surgimento do movimento até os problemas enfrentados no dia a dia, perpassando na inclusão nas mídias sociais e como essas redes estão ajudando a conseguir dar uma maior visibilidade dessas minorias, desta forma a comunidade LGBTQ+ vem conseguindo espaço dentro das mídias de grande circulação. A pesquisa, desenvolvida a partir dos referenciais teóricos, pretende, por fim, mostrar a relevância da temática para demonstrar a inserção social das minorias de acordo com a construção de identidade e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; ciberativismo; LGBTQ+; mídias sociais; internet.

INTRODUÇÃO

A heteronormatividade¹ é imposta desde pequenos, quando ao nascer já temos toda uma vida planejada e preparada apenas para seguirmos as regras do azul de menino e rosa de menina. Ao fugir de qualquer um dos parâmetros da sociedade é indubitável a marginalização. Grupos sociais como os LGBTQ+ sempre sofrem com a invisibilidade nas grandes mídias massivas, como televisões e jornais.

Para serem vistos, no Brasil na década de

1 Termo que indica “a reprodução de práticas e códigos heterossexuais; sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe-filhos)” (FOSTER,2001, p.19). Muito usado em discussões e pautas do ciberativismo.

70², em meio ao caos da ditadura, surgiu o movimento LGBT em reuniões nos Guetos, clubes e bares frequentados por gays, lésbicas, transexuais e travestis. Nessa época foi publicado os primeiros jornais com temáticas homossexuais e lésbicas, entre eles o 'O lampião da esquina' e 'Chanacomchana'. Hoje, a internet leva o protagonismo do movimento. Páginas, hashtags, publicações, blogs e sites tem levado a discussão adiante e levantado grandes debates a quem não teria acesso tempos atrás.

Este texto tem como principal objetivo apresentar uma análise sobre o papel da comunicação no ciberativismo LGBTQ+ e como as mídias sociais (*facebook, instagram, twitter, etc.*) ajudam na disseminação de ideais, e como essa rede serve como palco para diversos debates em questão de gênero uma vez que o espaço para esta comunidade ainda não é fortemente amplo nas grandes mídias de massa. Sendo assim apresentaremos um levantamento histórico sobre o movimento aqui em tela seguido de uma abordagem sobre os movimentos sociais através das redes sociais como forma de aclararmos as possibilidades da potencialidade das mídias acima citadas.

COMO SURGE O MOVIMENTO

O movimento LGBT no mundo surge em 1969 nos Estados Unidos com a Rebelião de Stonewall, quando gays, lésbicas, bissexuais e travestis se reuniram e rebelaram-se contra as ações que policiais promoviam como batidas e revistas humilhantes em bares de Nova Iorque. A rebelião durou seis dias e tornou-se marco do movimento, por tanto em 28 de junho é comemorado o Dia Internacional do Orgulho LGBT³. No Brasil os primeiros registros de publicações de jornais com temáticas homossexuais, como 'O Lampião da esquina', foram em meio a ditadura militar, período conturbado no Brasil principalmente para as minorias revolucionárias. O jornal, como diz na primeira edição, prometia:

Falar da atualidade e procurar esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados - dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias. (LAMPIÃO, 1978, ed.0, p.2)

Este jornal foi essencial para a sociedade da época, já que criticava e não tinha medo de expor suas opiniões diante dos absurdos cometidos as minorias. Na décima segunda edição escreveram contra o regulamento de transportes, tráfego e segurança do Rio de Janeiro

2 Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2017/06/17/A-trajet%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>

3 André Pomba é colunista do iGay e escreve sobre cultura e o mundo LGBT. Dessa vez, ele comemora o Dia do Orgulho LGBT com um pouco de história. Disponível em: <http://igay.ig.com.br/colunas/coluna-do-pomba/2017-06-28/stonewall-orgulho-lgbt.html>). Acesso em: 05 de abril de 2018.

“Limpador de esgoto, travesti de baby-doli, mendigo Incômodo, bêbedo chato quem usar cadeira de rodas, tiver aspecto repugnante ou doença infecto-contagiosa, aconselha-se a ficar fora do metrô”: a recomendação, feita pelo Jornal do Brasil em sua edição de 8 de abril, baseava-se no “Regulamento de Transporte*, Tráfego e Segurança” destinado ao usuário do metro carioca e aprovado pelo Governador Chagas Freitas. E o jornal, naquela matéria, tentava discutir os artigos mais rigorosos do redigo, para concluir, ao final: “as minorias não cabem no metrô”. (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1979, ed. 12, P. 4)

Ainda nessa mesma edição, em 1979, o jornal abriu um espaço para que a militância lésbica escrevesse e se posicionasse. Neste espaço de cinco páginas, as mulheres falam sobre a invisibilidade da sua luta, a importância de discutir sexo e em como estavam atrasadas essa discussão. Foi o ponto de partida para a militância lésbica brasileira nas mídias.

Nós estamos atrasadas porque existimos, mas sempre abdicamos de existir. Existimos nos cochichos, nos bochichos, em algum barzinho, em algumas boates, n’alguma cama com algum corpo, nas fantasias e sonhações que, na maioria das vezes, arquivamos desde sempre. Nós estamos atrasadas porque temos medo, receio, cagaço mesmo de viver o que somos. Porque não construímos o espaço do nosso viver. Porque vivemos na clandestinidade. (...) A repressão perpassa todas as esferas do nosso existir. O fato de sermos mulheres homossexuais duplica a repressão. Além de mulher, ser homossexual é muito, né? Quer ver muito mais? Mulher, negra, homossexual. Quer ver mais? Nós estamos atrasadas porque os valores garantidos pelos esquemas repressivos têm conseguido um desempenho eficaz. (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1970, ed. 12, P. 7)

A tamanha visibilidade e necessidade de não ser mais invisível torna necessário a criação de um boletim, em 1981, chamado “Chanacomchana”, que era vendido no Ferro’s Bar, bar frequentado por lésbicas de São Paulo. Apesar do bar ser sustentado pela comunidade lésbica, a venda do jornal não era aprovada pelos donos do bar, o que causou um ato político em 19 de agosto de 1983, comparado a revolta de Stonewall, e foi reconhecido 25 anos depois como Dia do Orgulho Lésbico.

A tentativa de expulsão das militantes do Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF) por parte do dono do Ferro’s Bar provocou a primeira manifestação lésbica brasileira, ocorrida em 19 de agosto de 1983. Com apoio de feministas e militantes gays, as lésbicas do GALF conseguiram driblar o porteiro do estabelecimento e adentrar o bar. Fizeram um ato político e exigiram que o dono do Ferro’s se comprometesse publicamente em permitir a venda do boletim Chanacomchana dentro de seu estabelecimento. Com ação vitoriosa, a data foi proposta como Dia Nacional do Orgulho Lésbico e 25 anos depois, em 2008, foi oficializada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (OLIVEIRA, Quem tem medo de sapatão?, 2017, P. 13)

A nomenclatura LGBTQ+ é recente, utilizada para designar as mais fluidas orientações sexuais existentes desestabilizando a padronização heteronormativa aplicada pela sociedade. Segundo Friedrich Nietzsche, nós enquanto seres humanos

comumente acabamos por querer atribuir sempre um sexo a todas as coisas, principalmente na dualidade sexual (homem e mulher heterossexual). O trecho abaixo ilustra bem o que o autor quer apresentar:

Quando o homem atribuía um sexo a todas as coisas, não via nisso um jogo, mas acreditava ampliar seu entendimento: - só muito mais tarde descobriu, e nem mesmo inteiramente ainda hoje, a enormidade desse erro. De igual modo o homem atribuiu a tudo o que existe uma relação moral, jogando sobre os ombros do mundo o manto de uma significação ética. Um dia, tudo isso não terá nem mais nem menos valor do que possui hoje a crença no sexo masculino ou feminino do Sol. Friedrich Nietzsche. (AURORA, 2008, P.27).

Por conseguinte, mesmo com toda essa militância existente nos dias atuais a visibilidade LGBTQ+ nas mídias massivas ainda é muito escassa, desta forma essa comunidade acabou por migrar para as redes sociais emergentes. O ciberativismo é uma manifestação política na internet, terminologia proposta por McCaughey e Ayeres. A definição de ciberativismo é pouco difundida entre o campo da Comunicação, um autor que é comumente citado nesse meio é David de Ugarte (2008).

[...]toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através da “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal. (UGARTE, 2008, p. 77)

O MOVIMENTO SOCIAL ATRAVÉS DA REDE

Com as mais crescentes transformações ocorridas no mundo contemporâneo principalmente com o início do processo da globalização se pode notar que as modificações no ambiente das lutas sociais, caracterizado pelo referencial de oposição “movimentos sociais versus Estado”; já que muitos problemas e reivindicações ultrapassam as fronteiras locais (SCHERER-WARREN,1998, p.17). Partindo desse pressuposto nota-se que a expansão da globalização trouxe uma maior fluidez principalmente das novas tecnologias da comunicação que possibilitaram os mais diversos grupos sociais de se expressarem de uma forma mais ativa, visto que as lutas coletivas da contemporaneidade se “travam” na rede, como é discutido pelo sociólogo espanhol Manoel Castells:

[...] enquanto as lutas sociais modernas eram marcadas por movimentos que mantinham a sua hierarquia condizente com os valores verticais da industrialização, as lutas contemporâneas apresentam movimentos sociais com uma estrutura cada vez mais horizontal e em rede (CASTELLS, 2001 *apud* RIGITANO,2003, p. 2).

Assim a constituição de redes de Ongs e movimentos sociais tem como objetivo compartilhar informações entre os mesmos indivíduos dentro de uma mesma entidade

(MORAES, 2001; SCHERER-WARREN, 1996). Por conseguinte, é visto que essas ligações em rede buscam de forma ampla e coletiva na sua grande maioria no âmbito político e/ou social trazer mudanças através do enfrentamento político esperando desta forma uma possível conquista de direitos e o combate a quaisquer tipos de discriminações. Desta forma, as redes de ongs, de movimentos sociais, ou como propõem outros autores “redes de cidadãos” (DEIBERT, 2000), estão se utilizando cada vez mais da Internet como ferramenta para as lutas sociais contemporâneas (ANTOUN, 2002; ARQUILLA, RONFELDT, 2001; DEIBERT, 2000; GOHN, 2003; MORAES, 2001; SOUZA, 2002; dentre outros).

Toda essa movimentação que vem ocorrendo na rede é recentemente denominada de ciberativismo, ou seja, a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados (VEGH, 2003, p.71), com o intuito de alcançar suas tradicionais metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede (GURAK, LOGIE, 2003; MCCAUGHEY, AYERS, 2003), valendo ressaltar que o movimento ciberativista começou a tomar forma quase que paralelamente ao início da internet em meados da década de 1980. Correlacionando ao advento da Indústria Cultural proposta por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1947) utilizado no livro “Dialética do Esclarecimento” que consiste no pressuposto de que vários produtos e ou ideologias podem ser facilmente disseminados e impostos ao consumo de fácil modo através dos meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornal e internet), como discutido por Adorno e Horkheimer:

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos (...) paralisam essas capacidade em virtude de sua própria constituição objetiva (ADORNO & HORKHEIMER, 1997:119).

Pode-se notar que o ativismo através da rede se funde a esse ideal uma vez que os ativistas sociais conseguem pela internet difundir seus ideais e obter diversos seguidores que compartilham desses mesmos princípios. O uso dessas redes de propagação midiática na atualidade tomou proporções tão abrangentes que foram utilizadas para a organização de uma onda de ações revolucionárias de manifestações e protestos ocorridos no Oriente Médio e no Norte da África, as revoltas aconteceram sequencialmente, em efeito dominó – na Tunísia, teve início em dezembro de 2010; no Egito, em janeiro de 2011; e na Líbia, fevereiro de 2011 (JOFFÉ, 2011), mostrando a força da internet como meio de troca de inquietações e anseios da população que acabam por organizar os conhecidos movimentos sociais de rua⁴.

4 Os Movimentos sociais ou movimentos sociais de rua são as expressões da organização da sociedade civil. Agem de forma coletiva como resistência à exclusão e luta pela inclusão social. Disponível

O autor do livro “Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank”, Sandor Vegh (2003), classifica o ciberativismo em três grandes categorias sendo que a partir delas os indivíduos da sociedade podem interagir e trocar informações dentro de uma determinada categoria ou ainda fluir entre as três. Na primeira concentra-se a inserção da população antes sem contato maior com o mundo ao seu redor aos mais variados tipos de informações e formas de conscientização, seja pela inscrição em fóruns, visita em sites e na entrada em comunidades do Facebook e apoiar causas e até se mobilizar em prol de alguma organização, participando de ações e protestos on-line e off-line. (VEGH, 2003, p.73), um exemplo é a Associação Revolucionária de Mulheres do Afeganistão (RAWA), que publica, na Internet, vídeos mostrando atrocidades cometidas por fundamentalistas islâmicos. A confecção de vídeos retratando torturas e abusos de poder, para serem veiculados pela Internet, tem sido uma prática utilizada por diversas organizações ativistas (SCHEERES, 2003). A segunda categoria parte do pressuposto do uso da internet para organização e mobilização para determinação ação, como exemplo pode-se citar campanhas em sites que visam a arrecadação de fundos para ações assistencialistas, que utilizam o clique em determinados banner’s e/ou a permanência em sites que são convertidos em dinheiro doado por empresas como o caso dos banners do *The Hunger Site*⁵ que a cada clique, patrocinadores e anunciantes doam alimentos, por intermédio da ONU, a países que sofrem com o problema da fome. E por fim a terceira categoria que consiste nas formas de ativismo digital, segundo Vegh, é formada pelas iniciativas de ação/reação; mais conhecidas por “hacktivismo”, ou ativismo “hacker” (VEGH, 2003, P.75).

Nota-se que que a internet é um ambiente aberto e receptivo a quaisquer tipos de pessoas através de debates sobre as tecnologias de inteligência, conceito proposto por Pierre Lévy, que consiste na inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (Lévy (2003, p. 28) e que de acordo com Brennan (2006):

Os impactos deste processo [O uso da web e seus recursos, como as redes sociais] na capacidade de aprendizagem social dos sujeitos têm levado ao reconhecimento de que a sociedade em rede está modificando a maioria das nossas capacidades cognitivas. Raciocínio, memória, capacidade de representação mental e percepção estão sendo constantemente alteradas pelo contato com os bancos de dados, modelização digital, simulações interativas, etc. (BRENNAND, 2006, p.202)

Nesse sentido, a cultura digital tem possibilitado a criação de um espaço para a expressão de forma mais “livre” e aumentado a visibilidade de grupos excluídos socialmente, como no caso da comunidade LGBTQ+, mulheres, negros, índios e dentre outros.

em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/ci%C3%Aancia-politica/movimentos-sociais/>. Acesso em: 26 de abril de 2018.

5 Disponível em: <http://thehungersite.greatergood.com/clickToGive/th/home>

O QUANTO ESSA FORMA DE MANIFESTAÇÃO IMPACTA

É possível ver que algumas pessoas não acreditam e muitas vezes não confiam no tamanho impacto que essa forma de manifestação tem na vida de muitos. Uma manifestação feita no âmbito virtual alcança pessoas que se recusariam ao ligar a TV, faz com que as pessoas vejam por um *like* ou um post compartilhado e entendam de maneira simples, como tirinhas, a importância da existência dessa classe e dessa luta.

A revolução e a transformação social agora se fazem de maneira conectada, menos visível ou impactante, talvez, mas extremamente eficaz. Como nas micropolíticas foucaultianas, que diziam que a transformação social não era algo dado de maneira vertical, mas sim através das relações do cotidiano, por mais irrelevantes que parecessem ser. Aquela prática discursiva do diálogo e da troca de experiência é responsável pela mudança lenta e gradual da sociedade (FOUCAULT, 1984). (COTTA, 2014).

Também é necessário entender que a migração da manifestação das redes sociais tem um fator: as mídias tradicionais excluem sua luta, não permitem a livre expressão e mantêm as minorias invisibilizadas, segundo Diego Cotta:

Para os ciberativistas, o uso da internet é um meio de “driblar” os meios de comunicação tradicionais, que, na maioria das vezes, não oferecem espaço para que a opinião pública se manifeste. Com isso, a rede se torna um espaço “público” em que os ativistas podem se manifestar, otimizando o impacto de suas ideias (COTTA, 2014).

De certa forma a comunidade LGBTQ+ impulsionou-se com o advento da internet e com as facilidades que ela traz, e viram na mesma uma válvula de escape para todas os padrões que lhe são impostos perante a sociedade heteronormativa existente, sem dogmas partidários que enrijecem e militarizam a discussão, a temática LGBTQ+ nas redes sociais inchou de maneira espontânea porque nasceu de seus próprios usuários, estimulados pela democracia e liberdade que o ciberespaço proporciona (COTTA, 2014).

CONCLUSÃO

Como forma de arrematar a discussão feita acima, podemos perceber que o movimento historicamente invisibilizado ganhou força com o advento da comunicação em massa proporcionada pela internet, mais especificamente pelas redes sociais, tais como *facebook*, *instagram* e *twitter*, os quais puderam ser utilizadas como verdadeiras armas na construção e afirmação das identidades de gênero acima discutidas. A luta da comunidade LGBTQ+ em ascender-se socialmente e sair das sombras da marginalidade impostas pela comunidade heteronormativa é antiga.

A priori, como citado acima pode-se notar que qualquer indivíduo que fuja da “padronização” é altamente perseguido seja por indução religiosa, econômica ou social

e são normalmente casos abafados pelas mídias de grande circulação (televisão, revistas, rádio, revistas, etc.), desta forma a comunidade LGBTQ+ tende a migrar para a internet que a tempos se torna um dos maiores meios de vinculação de notícias, fonte para pesquisas e utilizadas para a organização de manifestos, reuniões e debates de identidade e gênero, desta forma, vê-se que o avassalador avanço das nossas mídias de massa tem sido suma importância as minorias normalmente “excluídas” pela sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **REDES E CIBERATIVISMO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE**. Salvador, Bahia, 2003.

We are human. **4 MOVIMENTOS SOCIAIS QUE VALEM A PENA ACOMPANHAR**.

Disponível em: <http://blog.wearehuman.com.br/4-movimentos-sociais-que-valem-a-pena-acompanhar/>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **CIBERATIVISMO, CULTURA HACKER E O INDIVIDUALISMO COLABORATIVO**. REVISTA USP, SãoPaulo, n.86, P.28-39, junho/agosto 2010.

A PRIMAVERA ÁRABE E AS REDES SOCIAIS: O uso das redes sociais nas manifestações da Primavera Árabe nos países da Tunísia, Egito e Líbia. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30432/30432.PDFXXvmi=>. Acesso em: 26 de abril de 2018.

Afros e afins por Nataly Neri. ATIVISMO DE INTERNET É ATIVISMO? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X2abNOm_WTA. Acesso em: 25 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Luana Farias. **QUEM TEM MEDO DE SAPATÃO? RESISTÊNCIA LÉSBICA À DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1985)**. Periódicus, Salvador, n. 7, v. 1, maio-out. 2017 – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA

GONZATTI, Christian. **A REDE DIGITAL COMO CATALISADORA DE ESPAÇOS INFORMATIVOS EM TORNO DAS MARCAS DA DIFERENÇA: UMA ANÁLISE DA PÁGINA CARTAZES E TIRINHAS LGBT**. 2017.

COTTA, Diego de Souza. **A REDE SAI DO ARMÁRIO: O CIBERATIVISMO DO ARCO-ÍRIS**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

WOLLINGERO, Leonardo B. W. **CIBERATIVISMO LGBT: UMA ANÁLISE DO CANAL DAS BEE NA ARTICULAÇÃO E PROMOÇÃO DO DIÁLOGO ENTRE JOVENS**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2016.

COLLING, Leandro. **A HETERONORMATIVIDADE E A ABJEÇÃO - OS CORPOS DE PERSONAGENS NÃO-HETEROSSEXUAIS NAS TELENOVELAS DA REDE GLOBO (1998 A 2008)**. Salvador, 2010.

CAMPELLO, Livia Gaigher Bósio; COSTA, Welington Oliveira de Souza. **CULTURA E MULTICULTURALISMO: IDENTIDADE LGBT, TRANSEXUAIS E QUESTÕES DE GÊNERO**. Curitiba, 2017.

SOBRE O ORGANIZADOR

Marcelo Pereira da Silva - Doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo na linha de pesquisa Comunicação Institucional e Mercadológica, defendendo a tese: “A comunicação corporativa e o discurso do consumidor contemporâneo nos sites sociais de reclamação: decepção e coabitação na rede – desafios e oportunidades” (2016). Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, apresentando a dissertação: “Sentidos de Brasil na imprensa argentina – A teia noticiosa do periódico *Clarín* (2009). Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (2003). Atualmente, é docente permanente do Mestrado Interdisciplinar em “Cultura e Sociedade”, do Mestrado Profissional em Comunicação e do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Luís. Coordena o Grupo de Pesquisa ECCOM – Ecologia da Comunicação Organizacional na Universidade Federal do Maranhão. É organizador dos e-books: “A Influência da Comunicação”, “Comunicação, Mídias e Educação 2”, “Comunicação, Mídias e Educação 3”, “Impactos comunicacionais da cibercultura na contemporaneidade” e “Comunicação, Redes Sociais e a Produção Jornalística” pela Atena Editora. E-mail: marcelosilva_rp@hotmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alagoas 110, 113, 117, 118
Análise de conteúdo 12, 22, 150, 151, 153, 154, 160, 161
Análise do discurso 132, 171, 173, 175, 182, 183
Animação digital 81, 82
Aplicativos 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108
Avatar 60, 61, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72

C

Cameron 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72
Campanhas publicitárias 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22
Canção 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58
Ciberativismo LGBTQ+1 184
Ciberespaço 10, 163, 164, 165, 166, 169, 170, 172, 190
Cinema Retrô 81
Comunicação 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 41, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 58, 59, 60, 73, 80, 81, 93, 94, 99, 100, 101, 103, 104, 109, 110, 118, 119, 120, 121, 126, 131, 133, 140, 143, 145, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172, 175, 182, 184, 185, 187, 188, 190, 192
Consumidor 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 104, 188, 192
Corporeidade 77, 133, 134, 136, 138, 140, 145, 146
Critérios de noticiabilidade 139, 141, 142, 143, 145, 150, 151, 152, 153, 155, 160, 161

D

Design 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109
Digital Personas 24, 25, 27, 28, 30, 32
Direitos Humanos 11, 13, 164, 171, 172, 173, 181, 183
Diversidade Sexual 171, 172, 173, 180, 181, 182, 183
Documentário 35, 36, 37, 38, 41, 42, 45, 46, 64

E

Editorial 98, 120, 121, 126, 127, 128, 129, 130, 155, 156, 182
Educação 11, 23, 47, 73, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 108, 109, 117, 133, 161, 182, 192
Educação Inclusiva 99, 100, 104, 106
Escola Pública 102
Estadão 120, 121, 127, 128, 129, 130, 131

F

Festejos juninos 150, 151, 152, 160, 161

G

Gestão de projetos 99

I

Imprensa alternativa 163, 164, 165, 166, 168, 170

Inclusão 32, 99, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 184, 187, 188

Indústria Cultural 73, 74, 75, 77, 161

Interatividade 6, 47, 48, 49, 59, 104, 107, 153, 166

Intertextualidade 36, 81

J

Jornal Escolar 94, 95, 96

Jornalismo 11, 22, 23, 73, 94, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 126, 131, 133, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 170

Jornalismo literário 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119

K

Kung Fu Panda 73, 77, 78, 79

L

Lei Maria da Penha 12, 13, 14, 15, 20

Live-action 81, 82, 87, 88

M

Marcas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 24, 25, 26, 27, 29, 33, 39, 47, 55, 176, 191

Mídia regional 150, 152, 154, 160

Midiativismo 163, 166

N

Narrativa jornalística 133, 138, 140, 141, 143, 145, 147

Netflix 24, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 101

Novela de rádio 47, 48, 49, 51, 52

P

Projeto Poético 35, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 46

R

Recife Frio 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45

Redes Digitais 82, 166

Relações Públicas 1, 7, 8, 9, 10, 11, 192

Representação 25, 28, 35, 37, 38, 40, 41, 42, 45, 50, 51, 81, 82, 85, 93, 189

S

Semiótica Discursiva 171, 173, 182

Subjetividade 28, 33, 133, 134, 135, 136, 138, 143, 145, 147

T

Transdisciplinaridade 94, 95, 98

V

Violência de gênero 11, 12, 21

 **Atena**
Editora

2 0 2 0